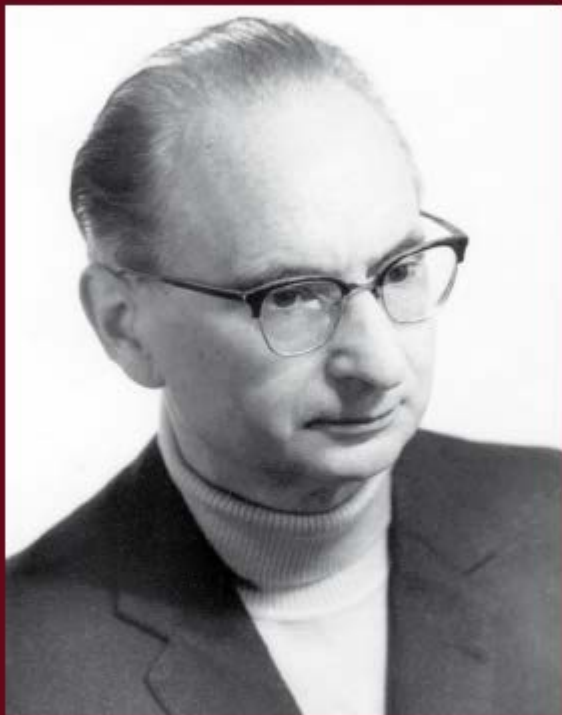


A OBRA E O PENSAMENTO DE AMORIM DE CARVALHO



Coordenação:
António Braz Teixeira
Renato Epifânio

A OBRA E O PENSAMENTO
DE
AMORIM DE CARVALHO

Edição conjunta de:

MIL: MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO
www.movimentolusofono.org
Palácio da Independência, Largo de São Domingos, n.º 11
1150-320 LISBOA

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-8661

Depósito Legal:

Primeira edição: Abril 2017

A OBRA E O PENSAMENTO DE AMORIM DE CARVALHO

Coordenação de:

António Braz Teixeira
Renato Epifânio



Filipe Delfim Santos
A CORRESPONDÊNCIA ENTRE
AMORIM DE CARVALHO E DELFIM SANTOS

Separados geograficamente, o convívio entre os dois portuenses ilustres, Amorim de Carvalho (Porto, 1904–Paris, 1976) e Delfim Santos (Porto, 1907–Cascais, 1966), ocorreu, com caráter ocasional, na cidade que os viu nascer – sendo a própria correspondência a documentar que eles se encontraram pessoalmente.¹ Delfim Santos não era adito à frequência assídua de tertúlias, quer em Lisboa, quer no Porto, mas deslocava-se frequentemente ao Norte para tratar de urgentes questões familiares, pois sua Mãe aí residia. É aproveitando esse ensejo que os encontros entre ambos se darão.

Pelo carteio, que se inicia em abril de 1947, sabemos que Amorim de Carvalho começou por pedir a colaboração de Delfim Santos, via José Marinho, para a sua revista de pensamento e cultura *Prometeu* (1947-1952).² Contudo, quando Amorim de Carvalho reforça por carta essa solicitação, é informado por Delfim Santos de que o convite não lhe chegara a ser transmitido pelo proposto intermediário.³

As boas relações começam logo ali, pois dois meses mais tarde, em junho do mesmo ano de 1947, Delfim Santos remete nova carta acompanhando a oferta da sua tese, apresentada ao concurso de Professor Extraordinário que tivera lugar a 26 de março desse ano. Nessa carta é o *Campos Pereira*, de Amorim de Carvalho (CARVALHO, 1947), que Delfim Santos comenta. Manuel de Campos Pereira (Lisboa, 1906–Lisboa, 1981) era então um novelista muito em evidência, trabalhando a temática erótica e amatória, particularmente o tema das mulheres malmaridadas, numa perspetiva pró-divorcista e não-católica, como salientou Fidelino de Figueiredo (FIGUEIREDO, 1936). Amorim de Carvalho dedica-lhe uma análise bem mais complexa e matizada e Delfim Santos, que desconhece o autor analisado, elogia a crítica não impressionista de Amorim de Carvalho,

¹ Carta n.º 12, de 16.03.1949: «[...] como já pessoalmente lhe disse [...]».

² Esta notável publicação portuense incluiu colaboração de A. Carneiro Leão, Alberto Xavier, Amorim de Carvalho, Annita Fiorentini, Astério de Campos, Carlos de Passos, Delfim Santos, Édouard Roditi, Elemér Hankiss, Enzo Volture, Fernande Lambert, Fernando de Araújo Lima, Fidelino de Figueiredo, Goulart Nogueira, Guedes de Amorim, Guido Battelli, Jean Aubert, Jean Hankiss, João de Araújo Correia, João de Barros, Jorge Montoya Toro, Júlio Brandão, Manuel Bandeira, Manuel de Campos Pereira, Maurice Carême, Narcizo de Azevedo, Paulina Simoniello, Pedro Veiga, Philéas Lebesgue, Rudolf Caltopen, Sant'Anna Dionísio Sousa Costa, entre outros, para além de colaboração artística de portugueses e estrangeiros.

³ Não subsiste, aliás, qualquer missiva de José Marinho para Delfim Santos datada de 1947.

sobretudo na parte psicológica, destacando o tratamento do tema do donjuanismo. Porém, quando Amorim de Carvalho propõe uma crítica científica, Delfim Santos discorda, adversário como era da confusão de paradigmas, dado que para ele o método científico não se aplicaria ao objeto estético.

Em resposta de julho de 1947, Amorim de Carvalho revela que há muito que desejava elaborar uma teoria da crítica, que Delfim Santos referia ser tão necessária. Mas a abordagem adotada por si não seria a do tratadismo abstrato, visando verificação posterior, mas, pelo contrário, uma aplicação a obras concretas, como a de Campos Pereira e de outros escritores — escrevera já importantes peças críticas também sobre António Botto e Guerra Junqueiro e virá a escrever mais tarde sobre Leonardo Coimbra, Sampaio Bruno, Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, Paul Claudel, entre outros. É o subjetivismo dos críticos portugueses – contrapõe Amorim – que os leva a recusar a cientificidade na crítica, deixando, contudo, em aberto, a perspectiva de um diálogo vivo em próxima deslocação de Delfim Santos ao Norte. Agradece a *Fundamentação existencial da pedagogia* e promete comentá-la, o que fará dois anos mais tarde na *Prometeu* (CARVALHO, 1949), insistindo no envio de colaboração de Delfim Santos para a sua revista.

Em agosto de 1947, Delfim Santos sugere enviar um texto sobre Oliveira Martins, um dos nomes maiores da historiografia e da crítica literária do séc. XIX. E, de facto, assim procede, pois no mês seguinte, em setembro de 1947, sai na *Prometeu* ‘A atualidade de Oliveira Martins’ (SANTOS, 1947). Oliveira Martins que é aqui celebrado como o autodidata que se tornara o maior historiador do país – e que, aliás, também preconizara um paradigma cientifista para a crítica:

Eu sei bem que, dum lado, a determinação do estado mental do indivíduo no momento da produção da obra, do outro a determinação do meio social e natural em que ela viu a luz, são os dois pontos de partida seguros para uma avaliação exata. Em Sainte-Beuve predomina a primeira face, em Taine predomina a segunda: a reunião definitiva de ambas é o ideal da crítica (MARTINS, 1960: 58).

Porém, quanto aos seus estudos históricos, o mesmo Oliveira Martins era acusado de falta de sentido científico, pelo que Delfim Santos lembra que:

Criticar Oliveira Martins por não ter dado o aspeto de exatidão científica aos seus estudos de história, como criticar outros por não terem dado aspeto artístico aos temas históricos que expõem, vale, equivalentemente, o mesmo. Isto é: nada. Este género de acusações é um vício típico da crítica que só valoriza o que lhe é afim, e só aprecia o que, de certo modo, lhe pode servir como elemento precursor dos seus seguros e inabaláveis pontos de vista (*Idem*, 159).

Polémicas cientifistas aparte, o que Delfim Santos valoriza em Oliveira Martins é aquilo que ele chama a «*discriminação tipológica da cultura peninsular e determinação comparativa [com os povos hispânicos] do carácter típico do português*» (*Idem, ibidem*):

E que livro surgiu em Portugal que possa substituir a sua *História da Civilização Ibérica*, quando pretendemos saber quem somos e o que podemos ser como povo, étnica, vital e culturalmente diferenciado? Não conhecemos nenhum (*Idem*, 160).

Sobre um tal estudo, afirma em nota, apenas Fidelino de Figueiredo, Orlando Ribeiro, José Osório de Oliveira e Álvaro Ribeiro tinham, desde então, mostrado interesse por aquilo que poderia ser uma «*caracterologia do povo português*» (*Idem, ibidem*).

Em 1948, Amorim de Carvalho não desiste de publicar nova colaboração de Delfim Santos na *Prometeu*, mas infelizmente tal não voltará a acontecer. A busca de textos originais de qualidade, que sempre escasseiam, é uma dificuldade sentida pelas revistas de filosofia e literatura, pelo que a duração dessas publicações não soia ser longa, sendo já invulgares os cinco anos da *Prometeu*. Delfim Santos foi, aliás, entre os intelectuais interventivos daquela época, um dos poucos que não exerceu a direção de uma revista própria, excetuando o último número de *A Águia*, de 1932. Pelo *Diário* de Jorge de Sena sabe-se que Delfim Santos esteve para dirigir a edição portuguesa da *Diógenes*, revista internacional da UNESCO, um projeto que se malogrou⁴ – aliás, as suas impressões sobre a agência das Nações Unidas para a educação, surgida nos pós-guerra, não eram muito favoráveis.⁵

Na carta seguinte, ainda nesse ano, fala-se de uma *Antologia* de literatura e ensaio luso e brasileiro, planeada pelo escritor Rudolf Caltofen (1895-1983). Este lusista e tradutor alemão adotara um pseudónimo espanhol: Rudolf Caltofen Segura. Viveu longos períodos em Espanha e correspondeu-se desde aí com Amorim de Carvalho, que por equívoco o considera espanhol.⁶ Para este livro também Amorim de Carvalho pede colaboração de Delfim Santos, para que Portugal não ficasse mal representado face ao Brasil, e sugere que José Marinho envie igualmente a obra que lançara em 1945 sobre Leonardo Coimbra (MARINHO, 1945). Em dezembro desse mesmo ano de 1948, Delfim Santos agradece esta intermediação e cita com entusiasmo um poema do livro *O júízo final* (CARVALHO 1948). Não sabemos se Delfim Santos veio ou não a enviar algum texto, pois a *Antologia* não chegaria a ver a luz.

Em março de 1949, está Delfim Santos a caminho da Argentina para tomar parte no Primeiro Congresso Nacional de Filosofia argentino, em Mendoza, pelo que

⁴ Entradas de 06.04.1954 e de 25-26-27-28-29.06.1954, SANTOS 2012, 65.

⁵ Segundo sabemos pela sua carta a Fidelino de Figueiredo de 13.10.1948, SANTOS 2016, carta n.º 35.

⁶ Caltofen verteu para alemão *A selva*, de Ferreira de Castro, publicada na Suíça em 1946 e escreveu um *Diário português* que sairia a público em 1953. O espólio de Caltofen encontra-se à guarda do Instituto Heinrich Heine de Düsseldorf, que possui duas obras de Amorim de Carvalho com dedicatória, *Paz*, de 1945, e o já mencionado *Campos Pereira*, de 1947, ambos publicados no Porto. Agradecem-se estas informações ao Prof. Dr. Bernd Kortländer, curador do espólio de Caltofen. Além disso, informa Júlio Amorim de Carvalho que se conservam na Casa Amorim de Carvalho três peças da correspondência com o alemão, que colaborou na revista *Prometeu* 2 (4-5) com o artigo em castelhano 'Poder del optimismo. El camino de la paz.

mais uma vez não se lhe proporciona concluir novo artigo para a revista. Mas, como já foi mencionado, Amorim de Carvalho publica na *Prometeu* a sua resenha da *Fundamentação existencial da pedagogia*. Nesta resenha Amorim de Carvalho reconhece o seu próprio cientifismo, contrário ao posicionamento existencial de Delfim Santos. Mas lembra a Delfim Santos que a tipologia e a caracterologia, que este acolhia como importantes ferramentas pedagógicas, eram também tentativas de exatificar, ou cientificar, a pedagogia.

Sobre a tipologia escrevera Delfim Santos:

[...] o espírito não se manifesta em todos com o mesmo grau de intensidade e profundidade. Daí a possível classificação dos homens em determinados tipos para os quais a educação propõe desígnios adequados. A pedagogia pressupõe sempre, claramente ou não, uma tipologia humana (SANTOS, 1943: 8).

O enunciado geral e claramente expressivo do fenómeno da aprendizagem só se torna possível depois do estudo tipológico do homem (SANTOS, 1946: 68).

Nesta visão do problema educativo há um sentido tipológico, que se perdera posteriormente e só hoje recobra os seus direitos, bem apoiados em investigações de natureza psicológica (*Idem*, 105).

Que a pedagogia deveria fazer algum empréstimo à ciência era, aliás, concedido por Delfim Santos, empréstimo esse que, sem reduzir o homem ao físico e sem converter em quantitativo o qualitativo, contribuísse para ampliar o *proprium* do pedagógico:

[...] a pedagogia pedagógica é talvez ainda científica em certos momentos e metafísica em outros, mas de maneira diferente: não absorve a pedagogia em qualquer ciência ou teoria, mas serve-se da ciência, e também da metafísica, para tornar pedagógica a pedagogia (*Idem*, 12).

Este debate sobre a fundamentação teórica da pedagogia remontava à divergência entre a escola alemã onde se formara Delfim Santos, de cunho totalista e holístico, inspirada em W. Dilthey (1833-1911), Jung (1875-1961), Spranger (1882-1963) e Kretschmer (1888-1964), entre outros, e a sua recusa de abordagens métricas pretensamente objetivas, os estudos de estatística escolar, as «*medidas mentais*» e os testes quantitativos como os do 'quociente de inteligência' da velha escola positivista de Lisboa de um Mattos Romão (1882-1960).⁷

Em 1950, Amorim de Carvalho espera que Delfim Santos cumpra a promessa de enviar um artigo sobre Guerra Junqueiro para o número da *Prometeu* dedicado ao

⁷ «*Quem frequente a cadeira de 'Psicologia Escolar e Medidas Mentais', regida pelo senhor Prof. Matos Romão, na Faculdade de Letras, abeira-se de graves e transcendentais problemas, entre os quais avulta o que se refere à medição da Inteligência, que tem como complemento indispensável o estudo dos capítulos principais da Ciência Estatística, aplicada à Educação*», COUTO 1935, 5.

Poeta.⁸ Mas o seu comissivista refere que tem um trabalho entre mãos e lamenta não poder responder à chamada, o que, tendo em conta que outras ocasiões não surgirão para ele comentar Junqueiro, se tratou de uma oportunidade lamentavelmente perdida. Junqueiro que fora, aliás, um dos mais preeminentes inspiradores de *A Águia* e do setor dos renascentes agrupados em torno de Leonardo Coimbra, também ele autor de relevantes trabalhos exegéticos sobre o freixiense (COIMBRA, 1923).

Em 1953, porém, Delfim Santos agradece numa longa carta o envio do livro de contos *A primeira mulher* (CARVALHO, 1952). Não pudera reagir imediatamente devido à doença do seu filho Rodolfo.⁹ É aqui que Delfim Santos se torna mais prolixo: elogia a variedade de estilos do grande contista, que abrangia «*o estritamente realista, a ficção imaginífica, o poético, o mórbido, o sarcástico*». Detém-se na condenação da primeira narrativa da série, que considera autobiográfica: «*demasiado azedo e memorial*». De facto, o conto 'A primeira mulher' trata do problema da iniciação dos rapazes por prostitutas, infeliz começo de uma vida sexual que se estreava já ferida de insensibilidade e reduzida ao plano mecânico e utilitário:

[...] procurei libertar-me daquele começo repugnante de ligação amorosa.

Teria ela percebido que eu perdera, nessa cópula, a virgindade? Teria ela vivido a volúpia da minha inexperiência?

Morreu num hospital, essa pobre que a tantos deu o amor, sem conseguir um afeto. Ninguém se lembrará dela. Na terra em que descansa — e não se sabe onde — ninguém esfolhou uma flor. E se eu ainda a lembro, é apenas porque foi a primeira mulher que conheci, numa posse sem prazer, numa posse sem beleza e que me causa ainda repulsa.

[...] eu lá ia à chuva daquela noite escura e agreste, com o pecado de uma satisfação sórdida a emporcalhar-me o corpo (CARVALHO, 1952: 17-18).

Se para alguns, como José Régio e o seu alter-ego Lelito, protagonista da obra *Uma gota de sangue* (1945), essa inauguração da vida sexual em descompasso com a da vida afetiva era vista como benigna – e em muitos casos resultava em adição ao mercenarismo amatório, como se constata na vida ulterior do mesmo Lelito

⁸ [Nota de Júlio Amorim de Carvalho:] Seria o n.º 5-6 do vol. 3 da revista *Prometeu*, com colaboração, entre outros, de Amorim de Carvalho, com o notável estudo 'Guerra Junqueiro perante o modernismo' e dos brasileiros A. Carneiro Leão (também correspondente de Delfim Santos) e Astério de Campos, da italiana Annita Fiorentini, do colombiano Jorge Montoya Toro. Infelizmente Delfim Santos não teve disponibilidade para enriquecer este número de *Prometeu* com a sua colaboração.

⁹ É também pela correspondência de Delfim Santos com Fidelino de Figueiredo que temos informação abundante sobre a perturbação que esta doença do filho Rodolfo causou ao seu pai, SANTOS 2016, cartas n.ºs 39 e 40.

narrada ao longo do ciclo de *A velha casa* – para outros ela constituía um verdadeiro trauma. Delfim Santos, que se contava entre estes, reagiu apaixonadamente:

O pior [conto], quanto a mim, é o que deu o título ao livro [...]. Lamento que ele tivesse começado o livro que tem coisas muito superiores ao que o primeiro mostra. [...] Não posso compreender bem o que o levou a publicar ‘A primeira mulher’ e sobretudo em primeiro lugar e como dador do título.

Delfim Santos, porém, compreendia bem. Não podia era aceitar de ânimo fácil uma realidade que também fora traumática para si. Esta reação é, assim, compreensível dentro de um quadro psicobiográfico e social bem determinado: a recusa do conto de Amorim de Carvalho revela a ferida deixada pela sua própria experiência, similar à que inspirara aquele conto ao autor (SANTOS, 1998: carta n.º 3).

Terminando a troca de missivas, há ainda em 1959 um rascunho de uma resenha epistolar à obra *Deus e o Homem na poesia e na filosofia*, de 1958, que não terá sido enviada, onde se valoriza o estudo de Amorim de Carvalho sobre Basílio Teles, pelo conhecimento pessoal e privado que o ensaísta dele tivera, e de Teixeira Rêgo que fora mestre-escola de Amorim de Carvalho em Matosinhos¹⁰ e em seguida professor de Delfim Santos na Faculdade de Letras do Porto, muito admirado e várias vezes evocado por este.

Delfim Santos já não reage em 1960 à referência que Amorim de Carvalho lhe dedica em *O positivismo metafísico* e que se inicia com «[...]Delfim Santos [...] talvez o mais informado, entre nós, sobre o moderno positivismo [...]» (CARVALHO 1960, 246-247).

Remata este conjunto um cartão de pêsames de Amorim de Carvalho para a família de Delfim Santos: apesar de três anos mais velho, Amorim sobreviveria dez anos ao seu conterrâneo.

Trata-se, pois, de um conjunto de missivas de teor bastante franco e sincero, amigável e mutuamente interessado, que tem de ser entendido como o complemento das conversas verbais entre ambos. Destas não temos, infelizmente, mais constância do que aquilo que os dois correspondentes vieram a perpetuar neste carteiro.

Referências

CARVALHO, Amorim de (1947) *Campos Pereira, um romancista contemporâneo, análise crítica*, Porto: Civilização.

CARVALHO, Amorim de (1948) *O juízo final*, Porto: «Prometeu».

¹⁰ «Na instrução primária, frequentou (com o seu irmão Álvaro) o Colégio da Beira-Mar (na rua Conde Alto Mearim, em Matosinhos), dirigido por José Teixeira Rêgo e [no ensino secundário], além de outros estabelecimentos de ensino, a Escola Anglo-Latina do mesmo José Teixeira Rêgo», CARVALHO (s/d), 2. Cf. CARVALHO 1952, 173.

- CARVALHO, Amorim de (1949) [resenha de] Delfim Santos, 'Fundamentação existencial da pedagogia', 134 ps. 150X91. Lisboa. 1946, *Prometeu* 3 (1-2), Porto, 76.
- CARVALHO, Amorim de (1952) *A primeira mulher*, Porto: «Prometeu».
- CARVALHO, Amorim de (1960) *O positivismo metafísico de Sampaio Bruno, As influências de Comte e Hartmann, Crítica e reflexões filosóficas*, Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural.
- CARVALHO, Júlio Amorim de (s/d) <http://www.amorimdecarvalho.com/Achegas%20para%20uma%20biografia%20-%20Amorim%20de%20Carvalho.pdf>.
- COIMBRA, Leonardo (1923) *Guerra Junqueiro*, Porto: «Renascença Portuguesa».
- COUTO, Vergílio (1935) *Medidas mentais e estatística escolar*, Lisboa: Gazeta dos Caminhos de Ferro.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1936) A New Voice in Portuguese Fiction, *Books Abroad* 10(1), (Winter), Norman, 5-6.
- MARTINS, Oliveira (1960) *Jornal*, col. 'Obras completas de Oliveira Martins', Lisboa: Guimarães.
- MARINHO, José (1945) *O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo*, Porto: Figueirinhas.
- SANTOS, Delfim (1943) A finalidade da educação, *Diário Popular*, Lisboa, 28.02, 8 e 9.
- SANTOS, Delfim (1946) *Fundamentação existencial da pedagogia*, Lisboa: Gráfica Lisbonense.
- SANTOS, Delfim (1947) A atualidade de Oliveira Martins, *Prometeu* 1 (3-4), 158-161.
- SANTOS, Filipe Delfim, org. (1998) *Delfim Santos, Correspondência, Obras completas IV*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Filipe Delfim, org. (2012) *Jorge de Sena e Delfim Santos, Correspondência 1943-1959*, Lisboa: Guerra & Paz.
- SANTOS, Filipe Delfim, org. (2016) *Fidelino de Figueiredo e Delfim Santos, Correspondência*, 2.ª edição, Lisboa: Arquivo Delfim Santos.